



REDACÇÃO PRINCIPAL
ALEXANDRE VIEIRA
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho
EDITOR — JOAQUIM CARDOSO

Redacção, administração e tipografia, Calçada do Combro, 38-A, 2.º
Lisboa — PORTUGAL
Endereço telegráfico: Tathoba-Lisboa • Telefone 5338 O.
Officinas de impressão — Rua da Atalaia, 114 e 116

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

DOCUMENTAÇÃO COMUNISTA

AS XXI CONDIÇÕES

DA

TERCEIRA INTERNACIONAL DE MOSCÓVIA

Reproduzimos hoje os famosos XXI pontos aprovados no segundo Congresso da Internacional Comunista, há meses realizado em Moscú. Tem este documento, de excepcional interesse, dado origem a apaixonadas controvérsias. Augustin Hamon, no artigo que em 16 do corrente publicámos, referia-se a eles, comentando-os desfavoravelmente. A orientação acentuadamente centralista da Internacional de Moscú foi também asperamente combatida no Congresso da Internacional Sindical de Amsterdam, há pouco realizado em Londres, como largamente noticiámos. Em França e na Itália os XXI pontos igualmente provocaram viva discussão. Aprecie-os o leitor:

1. Toda a propaganda e agitação devem ter um carácter realmente comunista. Não se deve corresponder ao programa e às deliberações da Terceira Internacional. Todos os órgãos da imprensa do partido devem ser dirigidos por comunistas fiéis, que tenham demonstrado a sua dedicação pela causa do proletariado. Não se deve falar da ditadura da classe operária como de uma fórmula banal, aprendida de córd, pois esta deve ser propagada de forma que cada simples operário ou operária, soldado ou cidadã, compreenda a necessidade dela pelos factos da vida quotidiana, sistematicamente observados e dia a dia analisados na nossa imprensa. A imprensa, periódica e não periódica, e todas as empresas editoriais do partido devem estar completamente submetidas à direcção do partido, sem cuidar de atender se este, num dado momento, procede legal ou ilegalmente. É inadmissível que as empresas editoriais abusem da sua autonomia e façam uma política que não corresponde plenamente à política do partido. Nas colunas dos jornais, nos comícios populares, nos sindicatos, nas cooperativas de consumo, onde quer que os adeptos da Terceira Internacional venham a entrar, é preciso marcar a fôrça, sistematica e implacavelmente, não só a burguesia, mas ainda os seus cúmplices, os reformistas de todas as gradações.
2. Qualquer organização que queira unir-se à Internacional Comunista deve, regular e sistematicamente, afastar de todos os lugares de maior ou menor responsabilidade no movimento revolucionário (organizações do partido, redacções, sindicatos, grupos parlamentares, cooperativas, administrações comunitárias) os reformistas e os centristas, substituindo-os por comunistas experientes, sem preocupar-se com que, para o lugar dos «sábios» oportunistas vão, especialmente no princípio, simples operários saídos da massa.
3. Em quasi todos os países da Europa e da América a luta de classe entra na fase da guerra civil. Em tais condições, os comunistas não podem fiar-se na legalidade burguesa; tem por obrigação criar em toda a parte um sistema de organização paralelo e ilegal que, no momento decisivo, ajude o partido a cumprir o seu dever para com a revolução. Em todos aqueles países nos quais os comunistas, em resposta ao estado de sítio e às leis de excepção, não tenham possibilidade de desempenhar todo o seu papel, é absolutamente necessário combinar a acção legal com a ilegal.
4. A obrigação de difundir as ideias comunistas inclui implicitamente o dever especial de uma energia e sistematica propaganda no exército. Nos pontos em que esta agitação fôr impedida por leis de excepção é preciso fazê-la por vias ilegais. O abandono dum tal tarefa equivaleria a uma traição ao dever revolucionário e seria incompatível com a filiação na Terceira Internacional.
5. É necessária uma agitação sistematica e regular nos campos. A classe operária não pode vencer se não tiver a ajuda de si os trabalhadores rurais e camponeses. Em parte, pelo menos, dos camponeses mais pobres e se não tiver assegurado, com a sua politica, a neutralidade duma parte da restante população rural, o trabalho comunista nos campos tem agora uma importância essencial, e deve ser desempenhado principalmente com o auxilio dos operários revolucionários e comunistas da cidade e dos campos, que estejam ligados aos camponeses. Renunciar a este trabalho ou confiá-lo a mãos pouco firmes e meios reformistas equivale a renunciar à revolução proletária.
6. O partido que deseja fazer parte da Terceira Internacional é obrigado a desmascarar não só o social-patriotismo e o social-fascismo, mas também a declarar a sua posição em relação ao social-pacifismo: deve sistematicamente mostrar aos operários revolucionários e comunistas da cidade e dos campos, que estejam ligados aos camponeses, a sua posição em relação ao social-pacifismo. Renunciar a este trabalho ou confiá-lo a mãos pouco firmes e meios reformistas equivale a renunciar à revolução proletária.
7. Os partidos que desejarem pertencer à Internacional Comunista são obrigados a reconhecer a completa superioridade do reformismo e com a politica dos centristas, e a propagar esta superioridade pelo maior numero possível de companheiros. Sem isto não é possível uma coerente politica comunista. A Internacional Comunista requer incondicionalmente e definitivamente a efectivação desta superioridade no maior espaço de tempo possível. A Internacional Comunista não pode tolerar que oportunistas notórios como Turati, Kautsky, Hilferding, Hillquit, Longuet, Macdonald, Modigliani, etc., tenham o direito

AUXILIO NECESSARIO

O operariado deve prestá-lo aos ferroviários vítimas de Raúl Esteves e das violências do governo

É delicada a situação daqueles ferroviários que tiveram a alvize e a coragem de se revoltar contra a violência de que estavam sendo vítimas, obrigando-os a sair dos seus camaradas de trabalho, e a roubar o pão aos seus próprios filhos, porque eles tiveram um gesto nobre e elevado que não pode o proletariado esquecer-lo, até que a classe ferroviária, se refaça materialmente das consequências da última greve, a fim de prestar-lhe o auxilio que agora é reclamado a classe operária. Esses homens, valorosos e conscientes, que tam valentemente souberam secundar o esforço duma classe, não podem ser esquecidos e muito menos os filhinhos e as companheiras desses honrados trabalhadores, que neste momento tem necessidade de pão, o pão que o odio burguês lhes negou.

Não, o proletariado não pode esquecer a situação desses homens e daí o acorrerem todos os trabalhadores ao apelo da respectiva comissão, provando mais uma vez que a solidariedade operária não é uma palavra vã.

Também outros camaradas, tam valorosos e enérgicos como aqueles, tem sido arremessados para a rua, tanto no Sul e Sueste como no Minho e Douro, porque o odio vingativo de Raúl Esteves e dos membros do Conselho de Administração dos Caminhos de Ferro do Estado, aproveitam a oportunidade para se verem livres dos homens que com a sua acção os apontavam, contrariando as patifarias e as arbitrariedades de aqueles conspícuos cavalheiros pretendendo sempre cometer.

A uns e outros não deve faltar o auxilio da classe operária, nesta ocasião, o unico que pode arrancar a fome e a miséria, os filhinhos e as vítimas.

Continuai, pois, camaradas, a enviar os vossos auxilios para os ferroviários presos e demitidos, porque eles conquistaram bem o direito a esse sacrificio da vossa parte.

Entregai-o nos vossos Sindicatos, Federações, ou na administração da Batalha.

NOTAS & COMENTARIOS

A marcha do odio

Este titulo não é nosso, é do Norte, diário republicano do Porto. Aplica-se ele a varias considerações que O Norte elabora sobre o que temos dito acerca do regresso dos ferroviários do Estado ao trabalho.

O Norte, que parece duvidar de que a Batalha seja realmente o porta-voz, na imprensa, da organização operária portuguesa, diz que incitamos os ferroviários ao odio e a vingança, insinuando-lhes nos espiritos, naturalmente doloridos da luta, o veneno da desforra. Não sabemos onde O Norte tivesse encontrado «incitamento ao odio e a vingança». É possível, porém, que aquele diário republicano tome por odio a justiça que sempre temos reclamado. As injustiças de que foram vítimas os ferroviários, revoltaram-nos e essa revolta que levou a Batalha a protestar leal e enérgicamente. Depois de termos as perseguições que o governo fez e está fazendo; a sua intromissão ante uma causa justa, que fez prolongar a greve, levando a fome e a miséria a milhares de famílias; o vexame de obrigar operários livres a trabalhar sob a ameaça das baionetas; os trancos reles que Raúl Esteves empregou para inutilizar a classe laboriosa; as prisões injustificadas, etc., etc., quereria O Norte que aplaudissemos o governo e nos abastássemos aos ferroviários a cobardia dum submissão, sem resistência, sem luta?

Os ferroviários regressaram ao trabalho sem que a mais pequena das suas reclamações fosse atendida. O governo promete não exercer represálias e prende e despede e desrespeita as suas próprias leis, obrigando os ferroviários do Minho e Douro a trabalhar dez horas por dia, quando deviam trabalhar apenas oito. Pois, O Norte quer que acolhessemos «serenidade e prudência» os trabalhadores que assim são perseguidos e lançados a miséria. E porque não da O Norte esses conselhos ao governo e a Raúl Esteves, que tam pouco «prudentes e serenos» se tem mostrado, que faltam a sua palavra constantemente?

A Batalha não se calará enquanto se exercerem represálias, enquanto houver perseguições a homens cujo unico crime foi o de lutarem por mais um pedaço de pão. São estes os principios de justiça a que a Batalha obedece.

O Norte acha que esta linguagem é a que usam os menhens. Se defender a liberdade e a justiça com a lealdade com que nós as defendemos é ser menen, não nos importa ser menens. Chamemo-nos O Norte menens, que muito nos honramos em sê-lo. Terá assim um significado perfeito, porque, uma palavra que a burguesia nos arremessa com ar despresivo.

A Espanha agitada

A situação em Barcelona

BARCELONA, 18. — O aspecto da cidade continua sendo normal, em consequência das energicas medidas tomadas pelo actual governador civil. Restam apenas por solucionar algumas greves parciais, sem importância.

Continuam sendo efectuadas buscas domiciliarias, encontrando-se grandes quantidades de explosivos, fazendo-se mais prisões de elementos sindicais.

O partido republicano catalão desistiu de apresentar candidatos às eleições para deputados que amanhã se realizam. As esquerdas também não apresentam candidatos. — Rádio.

Vende-se na Rua do Bica do Sapato, 16-A

DEBATE DE OPINIÕES

AS PROMESSAS E AS REALIDADES

Não há perigo em prometer o minimo para : realizar o máximo, mas sim na inversa :

Os nossos amigos republicanos — coitados, eles são bons rapazes, como dizia o dr. Bernardino Machado — fizeram uma propaganda do *bota abaixo* e de simples captação das massas insouciantes. A parte um ou outro, como Brito Camacho e Bazílio Teles, o resto não fez senão comprometer-se e comprometer a idea.

Cada um fantasiou uma República a seu modo, talhando-a nos moldes do seu capricho, do seu temperamento irrequieto ou generoso. Houve quem promettesse uma República com o pão e o bacalhau aos domicilios a preços infimos e com a liberdade a abarrotar-nos, a causar-nos indigestão. A um dos mais populares marechais republicanos ouvimos nós prometer, numa assembleia de operários, em Setúbal, esta coisa fantástica:

«Nós não queremos uma República estreita e mesquinha, mas uma República ampla e generosa, onde cabam tantas das aspirações socialistas e onde possa brilhar até o fulgor estranho da esperança anarquista.»

O que era preciso era fazer a revolução a todo o preço. Se a nossa revolução se tem de fazer por processo identico, então é preferível não bolir no que está. Estamos ainda a tempo de dizer: «Eh! Trave! Lá isso, rapazes.»

E afinal o que safu de todas aquelas promessas? Esta beleza que estamos vendo — o caos. E por isso ouvimos hoje dizer frequentemente: «Esta não foi a República que eu sonhei». Não fosse parvo, não sonhasse, estudasse de preferência — dizemos nós.

«E o tal fulgor estranho da esperança anarquista?»

E a guarda republicana de arma aperrada, é a policia de segurança do Estado maneando a *Parabellum*, são as prisões sem culpa formada por tempo indeterminado, os assaltos aos jornais, etc., etc.

«E foi para isto que andaram a berrar?»

Pobres republicanos! Quantos deles não prometeram tudo muito convenientemente para a sua possibilidade!

E o prazer delicioso que nós hoje sentimos quando os apanhamos em contradição nos factos presentes com as promessas anteriores, o que sucede todos os dias...

Mas, ai de nós, *rien bien qui rira le dernier*. Amanhã rir-se hão os outros de nós. De nós é como quem diz — de mim não, que sou pela ditadura; de mim não, que prometo só o que presumo realizável depois de prévio estudo dos factos e das circunstâncias e não dos livros; de mim não, que estou, como diz Manuel Joaquim de Sousa, com um pé no campo revolucionário e quasi todo o corpo pendido para o campo das reformas oportunistas.

Não obstante, se eu fôr um defensor do regime burguês, não teria dúvida em classificar Carlos Rates de revolucionário perigoso, porque expressa em fórmulas concretas o objectivo da revolução, bem mais perigoso do que Manuel Joaquim de Sousa, que continua a esbracejar no vácuo, exteriorizando um revolucionarismo, sincero não há dúvida nenhuma, mas todo de base sentimentalista. É esta uma opinião que só eu a tenho, naturalmente. Explendindo isolamento.

Eu quero ver a cara de Manuel Joaquim de Sousa, quando amanhã, após a revolução, o tumulto das ruas, estabelecido o isolamento económico do país — deficitário no alimenticio, nas matérias primas para as indústrias, nas máquinas e ferramentas de trabalho —

CONFERENCIAS

Nas Associação dos Fragateiros

Resolveu esta associação realizar uma série de conferencias sobre cooperativismo de consumo e produção, tendo hoje lugar a primeira, pelas 16 horas, sendo conferente o sr. Francisco Duarte Salvado. No dia 23 realiza-se a segunda pelo dr. Antonio de Carvalho, e no dia 26 pelo dr. Fernando Emídio da Silva.

Estas conferencias são de propaganda para a inauguração de uma cooperativa de consumo e de produção, bem como para a compra duma sede própria para aquela associação.

Universidade Livre

O sr. dr. Carneiro de Moura continuará, hoje, com este curso, o qual tem sido bastante concorrido, a pontos de muitos individuos se retirarem por não poderem obter lugar na sala desta colectividade. Esta conferencia é a terceira do referido curso e o tema que o illustre professor escolheu, consta de:

«Perturbações da vontade. As penas. Efectos das penas. Características diferenciais dos reclusos. Grupos de criminosos. O criminoso nato de Lombroso. O sistema prisional. Leis preventivas da criminalidade. O meio social. Persões sexuais. Impulsividade e insouciantidade.»

A entrada é pública, principiando às 21 horas, sendo estes assuntos acompanhados de projecções luminosas para que o publico compreenda mais facilmente este ramo de direito.

O conflito do pão

MADRID, 18. — Renovou-se nesta cidade, o conflito do pão, com repetições de incidentes. No ministério do Trabalho estudam-se as bases para a formação de cooperativas dos funcionários civis, militares e eclesiásticos. — Rádio.

Seguros sociais

O Conselho de Administração do Instituto de Seguros Sociais aprovou os seguintes processos relativos a desastres no trabalho: responsavel, a Empresa de Pesca Navegação Aveiro, e pensionista a viuva Felicia da Conceição Jesus, 51860 annos; «Mutualidade Portuguesa», sinistrado e pensionista Francisco Tavares Vieira Ramos, 90800; «Sociedade Mútua dos Construtores», sinistrado José Marques, de 16 annos, e pensionista sua mãe Maria de Oliveira, 10571; «Mutualidade dos Industriais de Metalurgia e Artes Correlativas de Pórtugal e Gaia», sinistrado Manuel Pedrosa, de 15 annos, pensionista sua mãe Erminda dos Santos, 4590; «Companhia de Seguros Mundial» sinistrado e pensionista Manuel Pereira da Silva, 61305.

FESTAS DE SOLIDARIEDADE

Pré-presos por questões sociais, da Construção Civil

É no dia 27 do corrente que se realiza no teatro-são dos Anjos um espectáculo em benefício dos presos, por delictos sociais da construção civil, promovido pela Secção do Alto do Pina do Sindicato Unico da Construção Civil.

Os bilhetes para esta festa estão quasi esgotados, encontrando-se os poucos que restam no S. U. da Construção Civil e na respectiva secção do Alto do Pina.

EM VOLTA DE SANGUE FERROVIÁRIO

A incapacidade dum ministro

O lugar que tenho ocupado na vanguarda da classe ferroviária, dá-me o direito de opor, neste momento, uma formal contestação a quanto por aí se diz e afirma a propósito do recente movimento grevista dos ferroviários do Estado, movimento terminado em condições verdadeiramente excepcionais, embora que incompreendido para uma boa parte da classe operária organizada, sem excluir os próprios ferroviários, que em grande parte se não aperceberam ainda do alto significado que o seu gesto teve.

Talvez por essa razão, como pelos motivos que inspiram a classe burguesa contra a classe operária, eu tenho sido alvo permanente dos ataques dirigidos contra os ferroviários, especialmente pela estabilidade e desenvolvimento que a sua organização tem atingido, nestes últimos anos.

De tudo tem lançado mão, para conseguirem o meu aniquilamento moral, perante a impossibilidade, com que sempre esbarraam, em obter uma modificação na minha maneira de pensar e agir.

E agora, que uma prolongada greve nos Caminhos de Ferro terminou, deixando nas mãos dos governantes todas as probabilidades para uma *révanche* sem precedentes, procura-se à *outrance* conseguir esse aniquilamento, lançando sobre os ferroviários acusações, cuja responsabilidade me é atribuída e aos valores camarádos que, como eu, sobram cumprir o seu dever. Como consequência dessas acusações, efectiva-se a demissão de algumas dezenas de ferroviários, atirando-se outros para as prisões, sem uma justificação, sem um motivo devidamente fundamentado.

Julgando insuficientes estes elementos de ataque, procuram os inimigos da classe ferroviária revolver o meu passado de empregado dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste, afim de tirar dele uma ilação arrazadora, que de vez me liquide moralmente, perante os ferroviários e a própria classe operária.

Há quasi três meses que essa luta dura, sem que até hoje tenham conseguido o fim que visam.

E' porque, acima de tudo e sobretudo, eles tem esbarado com o meu carácter, com a firmeza das minhas convicções, não podendo os seus traço-cres ataques saltar essa barreira.

Indiferente me tenho mantido, não deixando porém de arquivar, no âmago da minha alma, quanto em volta do meu nome se tem produzido, para na devida oportunidade chamar à responsabilidade, em todos os campos, aqueles que, sendo impotentes para me fazerem curvar, pretendem contudo obter a minha liquidação moral.

E' chegado um dos momentos em que me seria permitida a desforra e, consequentemente, o ajuste de contas com esses *cavalheiros*, que ocupam no país situações elevadas, desde as cadeiras do poder às direcções e conselhos de administração pública.

Entendo, porém, que não é deo devo apro-

veitar, porque a minha actividade deve, de preferência, continuar a manifestar-se, contra eles é certo, mas em defesa dum classe infamemente explorada, que necessita de prosseguir numa luta tenaz e sem tréguas, em prol dos seus direitos, que por esta vez não foram respeitados, como o deviam ser.

Assim, eu vou bordar algumas considerações sobre a greve dos ferroviários do Estado, não tendo com elas a pretensão de fazer diminuir as responsabilidades que me possam ser imputadas ou ao Comité que dirigiu o movimento.

Para depois, ficarão as acusações que pessoalmente me tem sido dirigidas, acusações que já foram ao ponto de serem perfilhadas pelo beatífico director da *Epoca*, em editorial.

Não irei também fazer a história da greve, neste lugar, pois que o relatório do Comité Central dos Ferroviários do Estado já há circunscrita e largamente documentada. Tam somente contestarei as afirmações gratuitas e pouco correctas que em pleno parlamento o sr. Velinho Correa, ex-ministro do comércio do gabinete Grunjo, fez, como as que tem sido produzidas pelo actual titular daquela pasta, o dr. sr. António da Fonseca, afirmações tendentes a demonstrar o fracasso da greve, a não razão da sua declaração e os *nobres sentimentos* dos dirigentes republicanos.

Circunstâncias resultantes da direcção do próprio movimento ferroviário, impediram que, a quinze dias de greve, uma carta que escrevi ao sr. Velinho Correa, pudesse ter-lhe chegado às mãos.

Não pretendo reproduzir aqui essa carta, mas faço-lhe referência, porque ela continha largas afirmações feitas com a altivez própria de quem se julga na posse duma consciência, afirmações que decerto modo tem nesta ocasião excepção oportuna, como resposta às declarações que o sr. Velinho Correa fez na câmara dos deputados.

A sua incompetência perante as questões ferroviárias, a sua falta de energia perante as exigências dos membros do conselho de administração e, sobretudo, a sua subalternidade subserviente perante o sr. António Grunjo, eram na referida carta citadas como causas que motivaram a atitude que aquele senhor tomou perante a greve ferroviária; atitude de que lhe fez perder a qualidade ministerial para o reduzir à pouca honrosa situação de manequim, movido por quantos tinham necessidade de satisfazer odios e ambições, com a liquidação da greve ferroviária.

A atitude do sr. Velinho Correa foi quanto há de mais desgraçada, como ministro, não o sendo menos como deputado, pretendendo esgrimir contra os ferroviários, quando nem força moral tem para reproduzir a fãpanha de D. Quixote, esgrimir contra os insensíveis molinhos.

Se assim não fosse, não teria a greve

Ferroviários do Sul e Sueste

Nota officiosa

Tenta-se veladamente dar o golpe de morte na organização dos ferroviários do Estado, provocando a sua desmoralização, seguida na confiança nos despotes e provocadores da classe ferroviária, que vão surgir como seus salvadores.

Não conseguiram, porém, atingir os seus fins, porque a isso se oporá a consciência da classe ferroviária que, felizmente, é a maioria.

Seria a última das cobardias se tal fosse conseguido pelos algozes de ontem, pelos que se aspiravam o aniquilamento completo dos ferroviários.

Contra as manobras que se estão a executar se devem acutelar todos os ferroviários, afim de evitar qualquer surpresa, pois cada um dos elementos da classe deve ter a moral para se impor ao pessoal como seu protector e muito menos como seu caracac.

Continuam as transferências do pessoal do movimento, sem motivo justificado, pretendendo-se desviar do Barreiro uma parte dos ferroviários, considerados elementos de classe, com o fim de deixar desmoralizada a classe.

As demissões aumentam, sendo lançados para a rua os honestos e os que tem caído em desgraça, e os que se ganham e os que se tem vivido nos caminhos de Ferro negociando e traficando com tudo e com todos.

A seu tempo será este facto provado. Para a rua vem os que alguma garantia poderiam dar de liberdade e de segurança ao regime, ficando nos Caminhos de Ferro os monárquicos e os que sempre procederam subversivamente, rastreado em volta dos homens que agora são lançados às feras.

Desconhecerei isto o sr. ministro do comércio?

Esta situação será fatalmente aclarada por quem tenha em vista a dignidade do Poder, já que hoje tudo se curva às imposições de Raúl Esteves e do conselho de administração.

Como justifica o sr. ministro do comércio o facto de estarem admitidos nos Caminhos de Ferro alguns dos ferroviários presos em S. Julião da Barra, não se lhes concedendo a liberdade, simplesmente porque isso apraz a Raúl Esteves?

Vai a Comissão Pró-Presos Ferroviários entregar a um advogado a defesa dos ferroviários atingidos pelos rigores do código militar ou que o governo pretenda submeter a julgamento nos tribunais civis, como a de todos os outros que se encontram presos por qualquer outro motivo que se relacione com a greve.

No Minho e Douro também as demissões vão atingindo proporções fantásticas, não se respeitando coisa alguma, satisfazendo-se simplesmente os odios e rancores dos chefes de serviço e de quantos tem interesse em sacrificar os ferroviários.

A BATALHA em Oeiras

Vende-se em casa do sr. Joaquim Pimentel.

sido declarada, porque todos os elementos foram fornecidos ao governo, que os desprezou, para só atender às informações tendenciosas dos membros do conselho de administração.

Por consequência, se alguém deturpou as intenções do sr. Velinho Correa, como ele declarou no parlamento, esse alguém foi o sr. António Grunjo e o conselho, em cujas mãos ele foi um joguete contra os ferroviários.

Que foi inoportuna, que tinha fins reservados—disse ainda o sr. Velinho Correa—referindo-se à greve ferroviária.

E' o que contestaremos no artigo seguinte.

Miguel CORREA

Vida Sindical

CONVOCAÇÕES

Distribuidores de jornais.—Para tratar de assuntos de interesse para a classe e bem assim do aumento de salário, convocam-se todos os camarádos sócios e não sócios a comparecer a reunião magna que se realiza hoje, pelas 15 horas (3 da tarde), na sede da associação, travessa da Água de Fôr, 25.

Convidam-se todos os chefes de venda e de expediente a comparecer a esta reunião pois que se trata de resolver um assunto que lhes diz respeito.

Trabalhadores de Teatro.—Realiza-se hoje, pelas 15 horas, na sede desta associação, rum do Mundo, 81, 2.ª, uma assembleia geral para aprovar o estatuto e a aprovação da reforma dos estatutos e eleição dos seus corpos gerentes.

Estudante sem livros

Respondendo a um apelo que *A Batalha* fez a favor de um estudante que não possuía alguns livros para continuar os seus estudos, alguém no-lo enviou, prestando assim um relevante serviço. Ao estudante pobre faremos a entrega dos livros.

Carestia da vida

A Comissão Anti-Clerical 5 de Outubro convoca o operário, as colectividades republicanas e liberais e centros socialistas a comparecer na próxima quinta-feira, pelas 19 horas, na Praça dos Restauradores, afim de acompanhar a comissão que vai fazer entrega duma manifestação ao conselheiro de abastecimentos, sr. Peres Trancoso, instando pela publicação de medidas rigorosas e energéticas, tendentes a evitar mais explosões de fome e de fome.

Esta situação será fatalmente aclarada por quem tenha em vista a dignidade do Poder, já que hoje tudo se curva às imposições de Raúl Esteves e do conselho de administração.

Como justifica o sr. ministro do comércio o facto de estarem admitidos nos Caminhos de Ferro alguns dos ferroviários presos em S. Julião da Barra, não se lhes concedendo a liberdade, simplesmente porque isso apraz a Raúl Esteves?

Vai a Comissão Pró-Presos Ferroviários entregar a um advogado a defesa dos ferroviários atingidos pelos rigores do código militar ou que o governo pretenda submeter a julgamento nos tribunais civis, como a de todos os outros que se encontram presos por qualquer outro motivo que se relacione com a greve.

No Minho e Douro também as demissões vão atingindo proporções fantásticas, não se respeitando coisa alguma, satisfazendo-se simplesmente os odios e rancores dos chefes de serviço e de quantos tem interesse em sacrificar os ferroviários.

Carteira perdida

Pede-nos o camarada António Valadares Pereira, mecânico em madeira, morador na rua Sabino de Sousa, 117, que tornemos publico, que perdeu uma carteira com cerca de 4200 e vários documentos de importância, desde o Alito de Pina a rua Alexandre Heroldo, local onde trabalha.

Pede este camarada, a quem quer que a tivesse achado, o favor de a enviar ou pelo menos os documentos para a sua residência cu para a redacção deste jornal.

Funcionalismo publico

Os empregados menores de todos os ministérios entregaram uma representação ao chefe do governo pedindo para serem classificados de contínuos de 1.ª e 2.ª classes, com a subvenção deferencial respectivamente de 155\$ e 150\$ mensais.

Queixas e reclamações

Um senhorio extraordinário

No dia 4 do corrente publicou a *Batalha* uma local, onde se expunham os propósitos gananciosos dum senhorio, Manuel Simões Louros, que se recusava a pagar os alugueres dos jornais, o que irritou profundamente o referido senhorio. Irritou-o tanto que escreveu ao inquilino, Oliveira Cabral, um postal insultuoso e fazendo aos outros valendo os seus erros muito razoáveis.

Também o inquilino recebeu um postal anónimo com alguns erros ortográficos, insultuosos e ameaçadores, e foi para o colégio. O autor do bilhete parece que não passou também pelos bancos de escola e se passou a inteligência não é muito sólida porque chamamos analfabeto aos outros valendo os seus erros muito razoáveis.

Há senhorios extraordinários...

Coliseu dos Recreios

HOJE-às 14 e 21 horas-HOJE

2—Sobrebos espectáculos—2

Grandiosa companhia de circo

O célebre e extraordinário domador

FORTUNIO

Apresentará um numero emocionante com os seus

4—PEROZES LÔES—4

Novos intermédios cómicos

JUVENITUDES SINDICALISTAS

União das Juventudes.—Comissão pró-

pressos.—Esta comissão recebeu até hoje as

proposições apresentadas a favor dos jovens

proposições.

N. J. S. de Silves, 60450, pessoal do

Bairro Social do Arco do Cego, 11450, que

acabou por sair do bairro, 2665, que

Bairro Social do Arco do Cego, 2665, que

Sindicato Metalurgico, 3475, idem tirada

por Ezequiel Seigo, 1415, idem tirada

por Manuel Rodrigues, 1415, idem tirada

por Manuel Rodrigues, 1415, idem tirada

por Manuel Rodrigues, 1415, idem tirada

por Manuel Rodrigues, 1415, idem tirada

por Manuel Rodrigues, 1415, idem tirada

por Manuel Rodrigues, 1415, idem tirada

por Manuel Rodrigues, 1415, idem tirada

por Manuel Rodrigues, 1415, idem tirada

por Manuel Rodrigues, 1415, idem tirada

por Manuel Rodrigues, 1415, idem tirada

por Manuel Rodrigues, 1415, idem tirada

por Manuel Rodrigues, 1415, idem tirada

por Manuel Rodrigues, 1415, idem tirada

por Manuel Rodrigues, 1415, idem tirada

por Manuel Rodrigues, 1415, idem tirada

por Manuel Rodrigues, 1415, idem tirada

por Manuel Rodrigues, 1415, idem tirada

por Manuel Rodrigues, 1415, idem tirada

por Manuel Rodrigues, 1415, idem tirada

por Manuel Rodrigues, 1415, idem tirada

por Manuel Rodrigues, 1415, idem tirada

por Manuel Rodrigues, 1415, idem tirada

por Manuel Rodrigues, 1415, idem tirada

por Manuel Rodrigues, 1415, idem tirada

por Manuel Rodrigues, 1415, idem tirada

por Manuel Rodrigues, 1415, idem tirada

por Manuel Rodrigues, 1415, idem tirada

por Manuel Rodrigues, 1415, idem tirada

por Manuel Rodrigues, 1415, idem tirada

por Manuel Rodrigues, 1415, idem tirada

por Manuel Rodrigues, 1415, idem tirada

por Manuel Rodrigues, 1415, idem tirada

por Manuel Rodrigues, 1415, idem tirada

por Manuel Rodrigues, 1415, idem tirada

por Manuel Rodrigues, 1415, idem tirada

por Manuel Rodrigues, 1415, idem tirada

por Manuel Rodrigues, 1415, idem tirada

por Manuel Rodrigues, 1415, idem tirada

por Manuel Rodrigues, 1415, idem tirada

por Manuel Rodrigues, 1415, idem tirada

por Manuel Rodrigues, 1415, idem tirada

por Manuel Rodrigues, 1415, idem tirada

por Manuel Rodrigues, 1415, idem tirada

por Manuel Rodrigues, 1415, idem tirada

por Manuel Rodrigues, 1415, idem tirada

por Manuel Rodrigues, 1415, idem tirada

por Manuel Rodrigues, 1415, idem tirada

por Manuel Rodrigues, 1415, idem tirada

por Manuel Rodrigues, 1415, idem tirada

por Manuel Rodrigues, 1415, idem tirada

por Manuel Rodrigues, 1415, idem tirada

por Manuel Rodrigues, 1415, idem tirada

por Manuel Rodrigues, 1415, idem tirada

por Manuel Rodrigues, 1415, idem tirada

por Manuel Rodrigues, 1415, idem tirada

por Manuel Rodrigues, 1415, idem tirada

por Manuel Rodrigues, 1415, idem tirada

por Manuel Rodrigues, 1415, idem tirada

por Manuel Rodrigues, 1415, idem tirada

por Manuel Rodrigues, 1415, idem tirada

por Manuel Rodrigues, 1415, idem tirada

por Manuel Rodrigues, 1415, idem tirada

por Manuel Rodrigues, 1415, idem tirada

por Manuel Rodrigues, 1415, idem tirada

por Manuel Rodrigues, 1415, idem tirada

por Manuel Rodrigues, 1415, idem tirada

por Manuel Rodrigues, 1415, idem tirada

por Manuel Rodrigues, 1415, idem tirada

por Manuel Rodrigues, 1415, idem tirada

por Manuel Rodrigues, 1415, idem tirada

por Manuel Rodrigues, 1415, idem tirada

por Manuel Rodrigues, 1415, idem tirada

por Manuel Rodrigues, 1415, idem tirada

por Manuel Rodrigues, 1415, idem tirada

MÚSICA

Festival de Beethoven

E' um dos mais notáveis que se tem da-

do momento, o grandioso festival que

comemorando o 150.º aniversário do nasci-

mento de Beethoven, realiza a Orquestra

Blanch, hoje, no S. Luis, com um magistral

programa, em que se contam os maiores

exceções da Orquestra. E' grande o entusias-

mo e será completa a enchente, porque

ninguém que ame a boa música faltará.

O concerto de hoje no Politeama

Pode chamar-se, sem dúvida, excepção-

lissimo ao concerto que esta tarde se efe-

tuará no Politeama, Fernandes Fão, o ins-

trumentista regente da orquestra, com o

qual teatro agora se exhibe, soube organi-

zar um programa admirável, com grandes

exceções de execução e sublimemente

disposto.

Nem os mais requintados amantes po-

dão deixar de ficar satisfeitos, porque nun-

ca se agrupam tantas obras primas numa

sua audição:

1.ª parte:—Oberon, abertura, Weber;

Tristão e Isolde, prelúdio e morte de Isol-

de, Wagner; Morte e transfiguração, 1.ª

audição por esta orquestra, R. Strauss;

2.ª parte:—Sinfonia n.º 4, 1.ª audição; 2.ª

audição, Scherzo, 3.ª e 4.ª audição; Ale-

gre, sinfonia, Scherzo, 3.ª e 4.ª audição; Ale-

gre, sinfonia, Scherzo, 3.ª e 4.ª audição; Ale-

gre, sinfonia, Scherzo, 3.ª e 4.ª audição; Ale-

gre, sinfonia, Scherzo, 3.ª e 4.ª audição; Ale-

gre, sinfonia, Scherzo, 3.ª e 4.ª audição; Ale-

gre, sinfonia, Scherzo, 3.ª e 4.ª audição; Ale-

gre, sinfonia, Scherzo, 3.ª e 4.ª audição; Ale-

gre, sinfonia, Scherzo, 3.ª e 4.ª audição; Ale-

gre, sinfonia, Scherzo, 3.ª e 4.ª audição; Ale-

gre, sinfonia, Scherzo, 3.ª e 4.ª audição; Ale-

gre, sinfonia, Scherzo, 3.ª e 4.ª audição; Ale-

gre, sinfonia, Scherzo, 3.ª e 4.ª audição; Ale-

gre, sinfonia, Scherzo, 3.ª e 4.ª audição; Ale-

gre, sinfonia, Scherzo, 3.ª e 4.ª audição; Ale-

gre, sinfonia, Scherzo, 3.ª e 4.ª audição; Ale-

gre, sinfonia, Scherzo, 3.ª e 4.ª audição; Ale-

gre, sinfonia, Scherzo, 3.ª e 4.ª audição; Ale-

gre, sinfonia, Scherzo, 3.ª e 4.ª audição; Ale-

gre, sinfonia, Scherzo, 3.ª e 4.ª audição; Ale-

gre, sinfonia, Scherzo, 3.ª e 4.ª audição; Ale-

gre, sinfonia, Scherzo, 3.ª e 4.ª audição; Ale-

gre, sinfonia, Scherzo, 3.ª e 4.ª audição; Ale-

gre, sinfonia, Scherzo, 3.ª e 4.ª audição; Ale-

gre, sinfonia, Scherzo, 3.ª e 4.ª audição; Ale-

gre, sinfonia, Scherzo, 3.ª e 4.ª audição; Ale-

gre, sinfonia, Scherzo, 3.ª e 4.ª audição; Ale-

gre, sinfonia, Scherzo, 3.ª e 4.ª audição; Ale-

gre, sinfonia, Scherzo, 3.ª e 4.ª audição; Ale-

gre, sinfonia, Scherzo, 3.ª e 4.ª audição; Ale-

gre, sinf